



FOME
 ESCORREGUE-ME
 EM SUA BOCA
 PASSEIE-ME
 EM SUA LÍNGUA
 CHUPE-ME EM
 SUA SALIVA QUE
 ME ESPALHO
 ALI MENTO EM
 SEU ESPÍRITO

ROSALVO

que L que
 ma LLARME é

que
 que
 que

tous les livres
 un coup de miroirs

PÓS-MODERNO

I.

Trago
 nos
 bolsos
 estes
 cacos
 de
 velhos
 poemas

II.

CACO que vira música incidental que vira fotonovela que por sua vez vira homevideo que se lança espetáculo multimídia que se transforma súbito biografia autorizada e aparece de relance na novela se transformando rápido em chicachicabushi que inspira o remake homônimo que vira também goma de mascar e supositório que vira logo citação ou metáfora ou livre adaptação da obra de que vira de repente sem ninguém nem notar animação hi-tech ou quem sabe antologia ou até poema meu. CACO argumento de HQ ou morre mesmo C A C O ou se imagina lá o quê, talvez acabe estampado em outdoor batizando absorvente íntimo teen.

Fabiano

QUALQUER MALLARMÉ

QUALQUER LÍNGUA
 QUALQUER SILÊNCIO
 QUALQUER NADA

todos os livros
 um lance de espelhos.

FERNANDO
 FÁBIO
 FIDRESE
 FURTADO



MEU POEVA É INDIGESTO?
é fácil a solução.
Um engov antes.
e outro.
depois. Fabiano

O NADA ME APANHA, SOBE POR MEUS PÉS

INFLA-ME

VIVO PLENO BALÃO DE INEXISTÊNCIAS!

Rosalvo Lopes

Rosalvo

ON ME DIZEM PÓ.

OUTROS, I

me dizem ainda

Serei eu? talvez eu seja

uma lua cheia. EIPSE. Serei

água? areia? talvez amanhã

eu seja uma fada, uma bruxa

ou eu mesma. nunca sou a mesma

COISA

2 VEZES.

CARMILA

NÃO!
ME
MATA!!

EXTRA!



BAT MAMBRA

NÚMERO TRÊS - DEZEMBRO 95

CONCEÇÃO E ARTE

Fabiano Moreira

(Rua Tietê, 230 - São Mateus - Juiz de Fora - Mb)

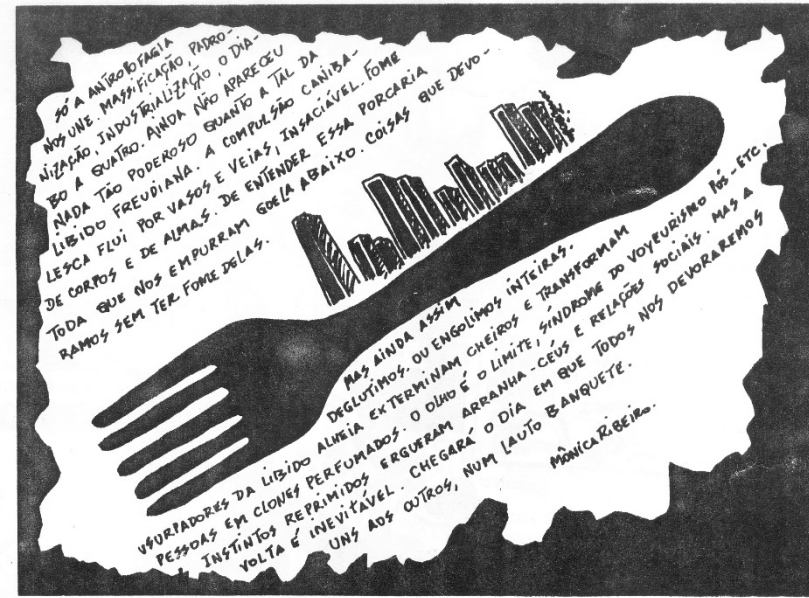
COLABORAM: MÔNICA RIBEIRO (às vezes,
CARMILA), ROSALVO LOPES, FERNANDO
FÁBIO, EMINÊNCIA PARDIA, TRISLILA
DE PAULA, OS LÉOS (O TEIXEIRA E
O RIBEIRO) e GUSTAVO TEIXEIRA.

THANKS: GILBERTO, NÍCOLA, ANDRÉ [dce]

APÓIO:



Lei
Murilo
Mendes



PO A ANÍMOTO FAGIA
NOS UNE. MASSIFICAÇÃO, PADRO.
NIZAÇÃO. INDUSTRIALIZAÇÃO. O DIA-
BO A QUARTO. ANDA NÃO APARECEU
NADA TÃO PODEROSO QUANTO A TAL DA
LIBIDO FREUDIANA. A COMPULSÃO CANÍBICA-
LESCA FLOI POR VASOS E VEIAS, INSACIÁVEL. FOME
DE CORPOS E DE ALMAS. DE ENVIENDESSA PORCÁRIA
TODA QUE NOS EMPURRAM SOE LA ABAIXO. COISAS QUE DEVO-
RAMOS SEM TER FOME DELAS.



MAS AINDA ASSIM
DEGLUTIMOS. OU ENGOLIMOS INTEIRAS.
VURTADORES DA LIBIDO ALMEIA EXTERMINAM CHEIROS E TRANSFORMAM
PESSOAS EM CLONES PERFUMADOS. O DIA É O LIMITE, SÍNDROME DO VOYEURISMO PÓS-ETC.
INSTINTOS REPRIMIDOS ERGUERAM ARRANHA-CÉUS E RELAÇÕES SOCIAIS. MAS A
VOLTA É INEVITÁVEL. CHEGARÁ O DIA EM QUE TODOS NOS DEVORAREMOS
UNS AOS OUTROS, NUM LAUTO BANQUETE.
MÔNICA RIBEIRO

CIDADE EM GÔZO

JUIZ DE F O R A
JUIZ DE DENTRO
JUIZ DE F O R A
JUIZ DE DENTRO
JUIZ DE F O R A
JUIZ DE DENTRO

cigarro apagado
pelo vento gelado
da Rio Branco
que finge
silêncio e sono

Fabiano

À PRIMEIRA VISTA



E LÁ ESTAVA A MOÇA
COM A SACOLA NA MÃO
E LÁ ESTAVA O MOÇO
NO CAIXA
E SE OLHARAM, OLHARAM, SE OLHARAM

NO OLHAR DE MOÇA: UADIA
NO OLHAR DA MOÇA: O MOÇO
QUE SERVIÁ

POR UM SEGUNDO
SE OLHARAM
OLHAR DE PURO SEXO

SEXO
SEXO
SEXO
SEXO

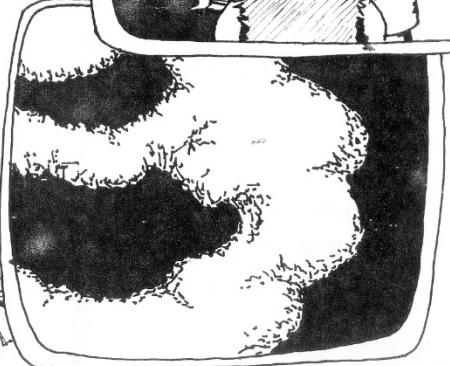
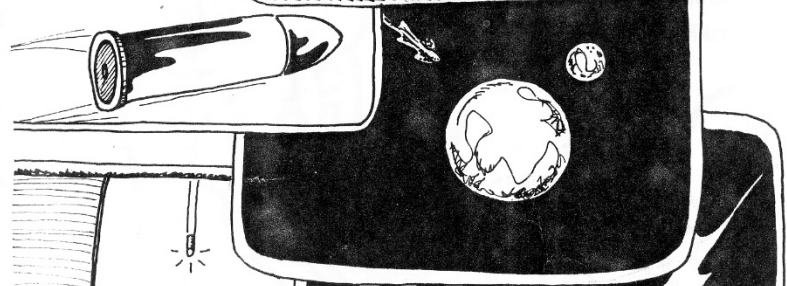
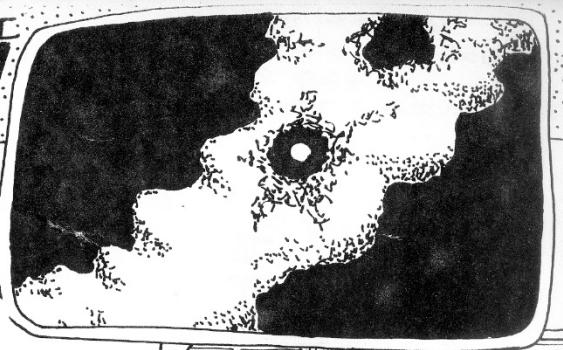
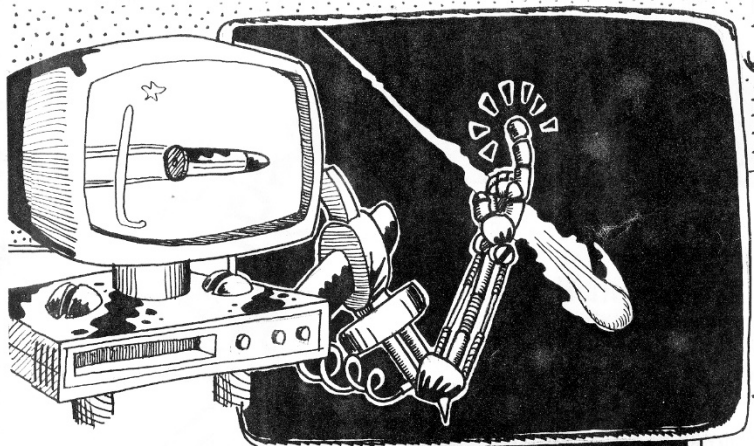
AMOR
ALI NÃO CABIA

E NUM SEGUNDO COMO OUTRO
QUER
ELA TEGOU SEU TROCO

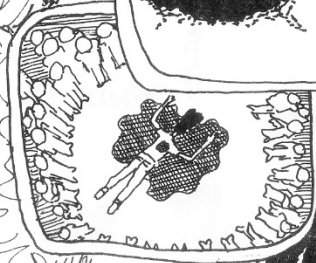
E FOI EMBORA.

"À Primeira Vista" é uma canção da banda Boa Pergunta - letra: Léo Bireira.

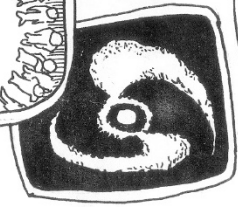
HISTÓRIAS DOS INFINITOS MUNDOS III



UMA BALA PERDIDA ESTÁ DE ACORDO COM A ORDEM UNIVERSAL



O CAOS



ZONE DE FLORA

★ ABRA ZINE

35420-000

ICHS - Mariana - MG

Rua do Seminário, s/nº

Miguel

CARTAS PARA:

★ OFF
POEZINE

Finalmente o Bat Macumba trava contato com um zine de poesias! E como o assunto é poesia, mais vale uma amostra do que comentários:

POEMAS COPULARES donadon

I
Na tua úmida floresta tropical meu pau sobe e te aresta.

II
Floresta negra, meu bicho selvagem quer habitar tuas lapas ao abrigo dos teus pêlos quentes

III
Teu ventre mais e mais sedento bebe do meu leite, ordenhando meu êxtase. Síntese e expansão do desejo: hissope que asperge, boca que suga.

ABRA

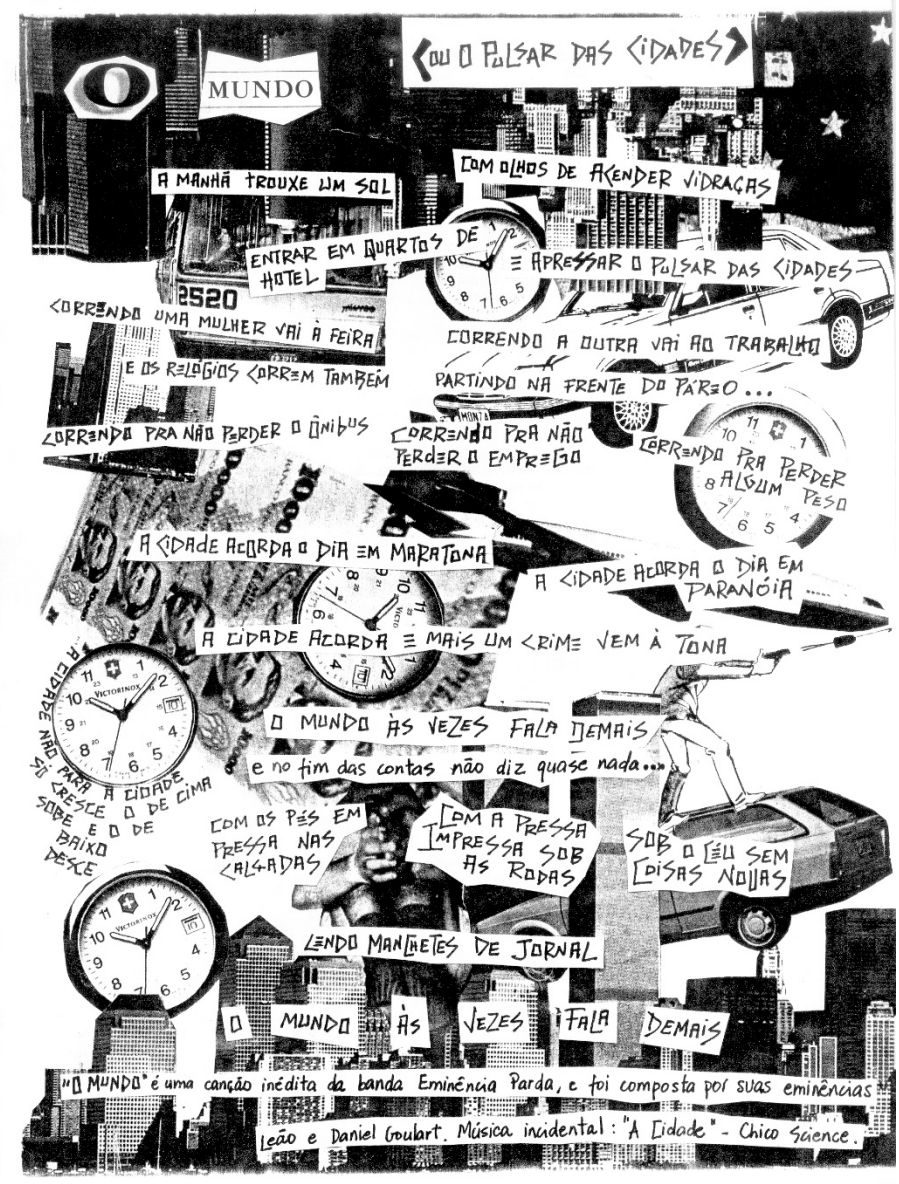
ZINE



ABRA: um zine e uma ordem. A cada nova abertura, a mesma ordem. O destecho só vai ser revelado pra quem escrever pro:

HUGO LETA

R. Itapitú, 264/33
Saúde.
04143-010 São Paulo. SP.



na, como descrevera o bandido. Ao abri-la, encontro levitando, em posição de índio em reunião, a Feiticeira.

A câmera-olho se detém no limiar da porta para mostrar Armstrong avançando e desnudando o clone em levitação. Inesperadamente deixa a cena, recuando até o fim do corredor.

FADE OUT

A câmera-olho permanece em plantão no fim do corredor. Instantes.

Armstrong aparece em frente ao quarto de pequena porta negra. Agora retira sua arma automática em slow motion, num movimento redondo e generoso. A câmera-olho dispara em sua direção como uma bala e entra no quarto a tempo ainda de mostrar a Feiticeira segundos antes da explosão, o que proporciona à plateia atônita mais instantes de luz.

CORTE

Preciso voltar para o jogo. Este pensamento pós explosão veio tão forte e reconhecível que era natural, que era tudo o que eu devia fazer. Tinha um ótimo lugar me esperando no estádio lotado, os homens uns sobre os outros em esbórnia. A lembrança do lugar no estádio levou as mãos de Armstrong aos bolsos em busca do controle remoto do seu moderno aparelho televisão PX 3001 de interatividade. Controle remoto agora convertido nas chaves de seu próprio apartamento, uma vez que ele estava no Maracanã, não em casa. Os movimentos começam a ficar mais agitados. Ele agora revira os bolsos com pressa e nervosismo. Perder o controle significa muito perigo, voltar de metrô, encontrar talvez alguém em sua casa. Quem sabe até piratas. A última busca nos bolsos confirma a perda do controle. Se ele ficou em sua cadeira, no Maracanã, alguém pode entrar e trançar o portal virtual que antes o havia arrancado de sua poltrona.

Quando a perda do controle virou realidade explodiu logo

adrenalina e corrida louca até a cadeira virtual, a sua poltrona vermelha, o portão de volta para casa.

A Câmera retoma a narrativa acompanhando a corrida de Armstrong entre a multidão que assiste hipnotizada à partida. Eles guardam força para o êxtase, o gol. Ai vale tudo quanto espírito libertado gritando de sembestado soltando foguete dentro da alma e explodindo sacos de xixi. Enquanto esperam, são inofensivos. Por isso a corrida de Armstrong é facilitada, e ele mostra agilidade ao driblar os torcedores que se fingem de mortos. De repente, mais uma explosão: é a torcida do Flamengo, comemorando o primeiro gol da partida. Armstrong é toscamente interrompido em sua corrida quase espetacular pela catarse daqueles milhões de homens. A Câmera mostra Armstrong visualizando sua cadeira, e sua cara de desespero quando percebe que o portal luminoso virtual fora desligado. Agora, provavelmente, havia alguém em sua casa. Péssimo para seus planos. Sentou-se em sua cadeira desligada. Era proibido abandonar o estádio antes do término da partida.

RUÍDO E IMAGEM DE TV DESLIGADA

A pior coisa que poderia ter me acontecido é ter que voltar para casa de metrô. No mínimo duas horas de viagem insólita. A Central é esse caos, como se fosse meio Maracanã, com tudo acontecendo dentro. Como o Flamengo venceu a partida, coloquei o meu bottom rubro-negro no peito, para evitar problemas. Vitorioso, qualquer torcedor do Fluminense deveria aguentar minhas piadas e maldições em silêncio. Uma regra social e, como todas elas, muito desrespeitada. Mas o bottom me fazia, para os outros, um homem em triunfo. Além de assassino. Mas isso as pessoas não sabiam. E essa ignorância até singela permitia meus passos livres entre eles, atingindo mais uma vez meus objetivos.

Mais rápido do que eu pode-

ria imaginar, estava dentro do metrô que me levaria para casa, junto com a preocupação de encontrá-la habitada por piratas ou vagabundos. O metrô em movimento não produz ruídos, o que põe microfones nas bocas dos passageiros. O burburinho domina meu cérebro novamente, a mistura de vozes, as pessoas falando do jogo, gritando com os perdedores, em sua profusão habitual. Estendo a mão para o jornal eletrônico em frente ao meu lugar no metrô. Encontro o que procuro, na seção de notícias simultâneas, em letras garrafais:

Assassino de clones terroriza novamente banheiros do Maracanã

Mais mil mortes haviam ocorrido no Maracanã, como era habitual em FLA X FLU de domingo. As minhas duas mortes ganhavam as páginas dos jornais por que fascinavam as pessoas. Eu sou peculiar. Minhas vítimas, A forma como desapareço há meses, matando dois ou três clones por vez, as vezes também o mesmo número de humanos.

Aterroriza. Nunca pensei que chegaria a tanto.

CONTINUA NO PRÓXIMO FANZINE.

Fabiano Moreira.



CRÔNICA DOS INFINITOS MUNDOS

Segundo Episódio

NARRADOR (EM OFF): No episódio anterior, em uma sala branca Armstrong sentou-se em frente ao seu moderno aparelho televisão de interatividade PX 3001 para assistir a mais um clássico FLA X FLU, rito das religiões permitidas. Foi então de um súbito transportado virtualmente para o Templo Maracanã, onde trilhões de homens se amontoam. Durante o intervalo nosso personagem vai ao seu banheiro. O girar da maçaneta põe em seu campo de visão os banheiros masculinos do maior lugar fechado do Planeta, no ano de 3001.

Logo na entrada oito ou nove jovens cercam uma sanitária. Um plongeé revela uma composição geométrica irregular: não é roda nem hexágono. O olho câmera em panorâmica captura e segue rápido o baseado que corre entre os dedos e lábios de meninos e meninas vestidos segundo o último urro da última moda. Plásticos, metais raros, cacos, cacarecos velhos. Cada um construindo a própria roupa colecionando bolores de baús velhos do remoto tempo passado. O olho câmera e o eixo que o sustenta investem até a roda em que circula no sentido horário o velho baseado. Neste ponto, os ouvidos já registram colóquios. Ou talvez não. Talvez sejam só burburinhos. Bocas que falam demais. Armstrong estende o seu braço direito, projetado do eixo da câmera-olho, para acolher o cigarro que circula e o olho-câmera é agora capturado pela visão da garota que estende a mão. Ela está vestida como a Penélope Charmosa, e a câmera-olho passa com delícia pelos detalhes. Rosa como um pacote de chicletes. Loura, como devem ser as garotinhas. A câmera dá um big close no lóbulo esquerdo dessa garota da direita, que a pouco estendera a mão.

- O que você tá olhando? Somos pessoas da nova geração, usando roupas da nova geração!

CORTE SECO

O olho-câmera percorre agora os banheiros caminhando velozmente pelos corredores. Em seu trajeto de câmera que observa, faz curvas drásticas, como quem persegue. As imagens frenéticas desses corre-

dores repletos de pessoas vão dando a idéia clara de que se trata de uma caçada. No fim do corredor que percorremos neste instante avista-se um clone da Regina Duarte correndo. E o último do planeta. Sem ele, termina uma tradição de culto de 12 séculos. Sem a matriz, sem cópias. Só fotos corroidas e esquecidas. A mão se projeta novamente do eixo da câmera-olho para sacar a pistola automática como em filme de bandido. Não. O movimento é mais preciso. Os cinco disparos saem do close do cano da arma. O assassino não é revelado, ocultado pelo brilho das balas dun-dun de energia. O olho-câmera em vertigem aponta trêmulo o corpo da falsa Regina Duarte, estendido no chão putrido do mictório, todo furado, com as cinco balas incrustradas na carne falsa. De repente: dun-dun. A explosão pulveriza o clone, em show pirotécnico de luz. O olho deriva em panorâmica e disfarçadamente para um cartaz na parede próxima, onde acabam de se esfacelar os últimos restos mortais de Regina Duarte. No cartaz ensanguentado, o slogan: Não mate formigas indiscriminadamente. Que tolice. Nesta terra ninguém mais lê outdoors.

FADE OUT

O homem com a perna direita levemente dobrada e amparada na parede pixada parece ter esquecido o chapéu. O chapéu. Ele denunciaria que aquele homem é um bandido. Nada mais do que isso. De pronto não saberíamos se ele é um traficante, um esturador ou um gangster de banheiro. O chapéu seria essen-

cial na composição do tipo bandido, mas não seria por si só suficiente para revelar em letras garrafais a biografia daquele homem encostado, talvez com câibras pela pressão contínua contra a parede. Aquele homem ali tão encostado necessitava de um chapéu. Por enquanto, ia utilizando suas rugas para espantar maus negócios e dominar o território. Acima dos pés-de-galinha, os supercilios não escondem a tensão suspensa no ar. No campo de visão da câmera-olho, este homem está sempre em primeiro plano. Preciso dele.

- Quanto custaria levantar um clone perfeito da Feiticeira?

- Feiticeira? O amigo gosta do que há de melhor. E de mais raro.

- Quero um clone deste para mim. Vou pagar o que for preciso.

- Três milhões de americanos?

- Ou até mais se você resolver tudo em menos de 5 minutos. Tenho um jogo pra assistir.

Volto a circular pelos corredores, agora lentamente. O homem não está mais encostado. Com meus 5 milhões de americanos ele agora é quem corre desviado pelos banheiros, tentando curar suas dormências musculares e arranjar para mim um clone perfeito. Talvez agora ele me precise mais do chapéu, pois já saiu de cena, não iremos mais nos encontrar. Aliás, desde que ele largou seu encosto e se pôs em movimento, tornou improvável a hipótese do chapéu que faltava. O chapéu. Logo ele, que era tão essencial para aquele homem encostado, acabou inútil para o mesmo homem em movimento. A câmera-olho agora se detém perante uma porta peque-

